

ESTUDO DOS FACTORES DE SUCESSO EM AMBIENTES DE ENSINO À DISTÂNCIA

PAULO RURATO

Universidade Fernando Pessoa – Porto
Praça 9 de Abril, 349, 4249-004 Porto

T: 22 507 13 00; Fax: 22 550 82 69; Email: prurato@ufp.pt

&

LUÍS BORGES GOUVEIA

Universidade Fernando Pessoa – Porto
Praça 9 de Abril, 349, 4249-004 Porto

T: 22 507 13 00; Fax: 22 550 82 69; Email: lmbg@ufp.pt

Os sistemas de ensino e formação tradicionais caracterizam-se pela rigidez face à evolução do processo de aprendizagem do formando. O processo de ensino e aprendizagem dos adultos requer abordagens novas, resultado de significativos desenvolvimentos das tecnologias de informação e comunicação, e das mudanças na sociedade actual que exigem uma aprendizagem contínua, com um processo de aquisição de conhecimentos diferente, que considere as especificidades do aprendiz-adulto. O aprendiz, torna-se a figura central do todo o processo educativo. Desta forma, os educadores devem ter em atenção as seguintes questões: como os aprendizes aprendem (estilos de aprendizagem)?, quais as suas características pessoais?, e quais as suas necessidades? Podem, ser assim, definidas estratégias educativas mais adequadas, que permitam o desenho dos processos (metodologias) que facilitem e permitam a aprendizagem. Os factores associados a estes processos devem ser tidos em consideração mesmo antes do planeamento e implementação de uma experiência de ensino à distância.

O trabalho propõe (re)direccionar a ênfase para o que o aprendiz é capaz de aprender e de que modo é feita essa aprendizagem. Em especial, concentra-se na identificação de um conjunto de factores susceptíveis de influenciar a concepção, transmissão e apreensão dos conhecimentos em ambientes de Ensino à Distância. São objecto de estudo as interações/interdependências destes factores, tomando, como ponto de partida, contextos diferentes e com diferentes grupos. É descrita a recolha exploratória de informação de um conjunto de Instituições a operar na área específica do Ensino à Distância para o estudo desses factores, tomando em consideração a perspectiva do aprendiz e do facilitador, de modo a incluir os dois principais intervenientes no processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: ensino à distância; aprendizagem; processos de ensino-aprendizagem; adultos-aprendizes; perfil do aprendiz.

1. INTRODUÇÃO: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E ADULTOS-APRENDIZES

Ao longo do nosso processo de aprendizagem, todos nós tivemos professores que recordamos com admiração, quer fosse pela qualidade científica, quer fosse pela capacidade pedagógica.

Os modelos de formação estão, em grande parte, estruturados para grupos de formandos, atendendo-se mais ao colectivo, esquecendo-se o indivíduo e as suas características pessoais, e embora aqui, haja alguma flexibilidade no que respeita ao ritmo do processo de aprendizagem, tendem a ser rígidos no que diz respeito aos conteúdos, não se verificando adaptabilidade face às características individuais do aprendiz (Roque, 2000).

O processo de ensino e aprendizagem de adultos (Lima Santos, Faria & Rurato, 2000) requer novas abordagens, pois o seu processo de aquisição de conhecimentos reveste-se de características particulares, que se baseiam nas especificidades do adulto-aprendiz.

Nomeadamente, o adulto-aprendiz sente que os conhecimentos adquiridos no sistema de ensino tradicional têm pouca utilidade prática, e que é impossível dissociar ou compartimentar conhecimentos, pois o seu quotidiano pessoal e profissional é interdisciplinar e exige a íntima associação entre teoria e prática e, finalmente, na resistência em voltar a uma escola que nunca teve em consideração os seus gostos, as suas

necessidades e as suas experiências. De facto, é neste contexto que assume particular relevo o paradigma Andragógico (Knowles, Holton III & Swanson, 1998), ao constituir-se em "*arte e ciência de ensinar adultos*" (Knowles, 1995). O Ensino à Distância (ED) é um processo formal de ensino, em que o educador e o aprendiz estão, normalmente, separados pelo local e, conforme as circunstâncias, separados ou não pelo tempo. Este processo de aprendizagem requer formas pedagógicas/andragógicas inovadoras e eficientes, uma vez que estas tecnologias vão providenciar a igualdade no acesso à educação, trazendo novas oportunidades para que as escolas tenham uma maior audiência, indo ao encontro das necessidades de aprendizagem dos habitantes das regiões mais remotas, envolvendo oradores do exterior e criando uma interligação entre aprendizes de diferentes níveis sócio-económicos e com experiências diversificadas (Stanbrough & Stinson, 1997).

O aprendiz é a figura central de todo o processo educativo (Houle, 1974). McKeachie (1991) é de opinião que os educadores devem pensar em como os aprendizes aprendem, pois parece que ter em consideração os diferentes estilos de aprendizagem é um importante factor para desenvolver um *curriculum* de um curso, seja tradicional, seja *online*. Ao decidir usar uma outra estratégia numa determinada actividade educativa as diferenças individuais devem ser tidas em consideração. De acordo com Tyler (1949, *In Pitt & Stuckman, 1997*), a aprendizagem tem lugar através das experiências que o aprendiz teve durante a sua vida, por isso, este autor pensa que isso requer que o educador organize situações que tenham múltiplas facetas, que evoquem o desejo de experiência em todos os aprendizes. Por outras palavras, os educadores precisam de incluir várias estratégias educativas nos seus *curricula*, tendo em conta os diversos estilos de aprendizagem, e assim criar experiências de aprendizagem que sejam significativas para cada aprendiz. É da responsabilidade de um educador planear actividades educativas utilizando estratégias que melhor produzam a interacção e experiências com que cada aprendiz possa aprender.

Em síntese, no final deste milénio, aprender, ou melhor ainda, aprender a aprender, constitui o mais importante meio para o progresso, para a constituição da riqueza e do bem-estar pessoal e social, fundando a promoção da capacidade de competir, cooperar e agir, ou seja, cada vez mais a posição de cada um de nós na sociedade será determinada pelos conhecimentos que soube adquirir e construir (Lima Santos, Rurato & Faria, 2000). Podemos mesmo afirmar, que o ensino, formação e treino são uma área de grande potencial e forte expansão (Gouveia, Restivo & Gouveia, 1999), sendo considerada, num futuro próximo uma das actividades económicas de maior importância (Gouveia, 1999).

2. FACTORES DE SUCESSO EM AMBIENTE DE ENSINO À DISTÂNCIA: OS DOIS PRINCIPAIS INTERVENIENTES

2.1. FACTORES QUE AFECTAM OS APRENDIZES

O principal papel do aprendiz é aprender. Mas, mesmo sob as melhores circunstâncias, esta tarefa desafiante requer motivação, planeamento e competências para analisar toda a informação que se encontra disponível.

O aprendiz à distância pode ter qualquer idade, qualquer nível de escolaridade e uma diversidade de necessidades de aprendizagem, mas têm, no entanto, uma característica em comum, que é um grande comprometimento com a aprendizagem, pois a maior parte deles são auto-aprendizes e muito motivados.

Em qualquer situação educativa é importante que o educador saiba o mais possível acerca dos aprendizes que vai encontrar, pois se o souber poderá providenciar uma melhor aproximação, de modo a conseguir uma aprendizagem experiencial com sucesso para todos. Cada indivíduo é único e precisa de ser reconhecido por essas características únicas, então, quando o individual é tido em consideração, características como a atitude ou interesse (motivação), experiências anteriores, capacidades cognitivas e estilos de aprendizagem terão um forte impacto (Simonson *et al.*, 2000).

A aprendizagem será mais profunda e significativa para os aprendizes, se estes: partilharem a responsabilidade do desenvolvimento dos objectivos e metas a atingir; promoverem a reflexão acerca das experiências; relacionarem nova informação com exemplos que façam sentido, que apelem à sua experiência anterior e se relacionem com os seus problemas actuais; mantiverem a sua auto-estima; e souberem avaliar o que está a ser aprendido. Estes são desafios e as oportunidades providenciadas pelo ED (Engineering Outreach, 1995).

Como característica, a autonomia dos aprendizes deve ser um objectivo no ED. Devemos considerar que é útil para os aprendizes serem auto-dirigidos e assim, tentar encontrar meios para os encorajar e os apoiar. Este tipo de ensino, mais individualizado, ajuda a desenvolver novas competências, como o pensamento crítico, a busca e selecção de informação pertinente e a autonomia (Jiménez, 2000).

Para os aprendizes adultos (Moore & Kearsley, 1996), o custo real em se envolverem num curso de ED, é mais do que apenas dinheiro, talvez mais importante seja o tempo e o esforço adicional requerido ao adulto. Virtualmente, eles comprometem-se voluntariamente, pois estão altamente motivados e orientados para a tarefa de serem aprendizes. Ao contrário dos aprendizes mais jovens, os adultos já têm experiência de trabalho, e maior parte está a tentar aprender algo mais acerca de assuntos do seu trabalho. Também, ao

contrário dos aprendizes mais novos, já sabem bastante acerca da vida, do mundo, deles mesmos e das relações interpessoais, e por isso mesmo, para eles, o facilitador tem autoridade pelo que sabe e pela maneira como se relaciona com os aprendizes, e não devido a sinais exteriores ou títulos académicos.

Sem surpresa, um dos melhores indicadores de sucesso no ED é o nível educacional que o aprendiz já possui, pois, em geral, quanto maior for o nível educacional que o aprendiz possui, maiores são as probabilidades de terminar o curso à distância. Menos fiável, mas igualmente relevante como indicador de sucesso, são as características pessoais do aprendiz (Moore & Kearsley, 1996). Por exemplo é sugerido (Moore, 1975, Thompson, 1984 *In* Moore & Kearsley, 1996) que quanto mais independentes forem os aprendizes, mais bem sucedidos serão no ED. Outra característica de personalidade que está associada com o ED, é a introversão/extroversão, com os introvertidos a possuírem mais predisposição para o ED. Persistência, determinação, necessidade de alcançar algo, auto-confiança, altas expectativas, realização académica (McIsaac & Gunawardena, 1996, *In* Larsen, 2001), são qualidades que também afectam positivamente um aprendiz de sucesso.

A natureza intrínseca ou extrínseca da motivação de um aprendiz, também afecta o seu sucesso como aprendiz à distância (Atman, 1986). Uma variedade de preocupações extracurriculares, tal como o emprego, responsabilidades familiares, saúde, interesses e obrigações sociais, podem afectar negativamente ou positivamente a conclusão de um curso de ED. O encorajamento por parte do empregador, colegas de trabalho, amigos e família, podem motivar o aprendiz à distância, a concluir com aproveitamento.

Por fim, os aprendizes têm maior tendência para se afastar ou abandonar um curso, se perceberem que o conteúdo é irrelevante ou que tem pouco valor para a sua carreira ou interesses pessoais, se o curso é muito difícil, ocupa muito tempo ou esforço, se ficar frustrado por tentar concluir o curso ou a lidar com requisitos administrativos e não receber assistência, se não receber *feedback* no seu curso ou progresso, e se não houver interacção com o facilitador, tutor ou com os outros aprendizes, e assim, sentir-se muito isolado (Moore & Kearsley, 1996).

Assim, podemos dizer que o ED favorece a motivação dos aprendizes, promove o prazer pela aprendizagem eficiente e eficaz, se for exposta de um modo relevante para o aprendiz e para as suas necessidades, criando uma comunicação harmoniosa entre o aprendiz e a instituição de ED (facilitadores, tutores, conselheiros, etc.), facilitando o acesso aos conteúdos do curso, comprometendo o aprendiz nas actividades, discussão e decisões (Holmberg, 1986).

2.2. FACTORES QUE AFECTAM OS FACILITADORES

Os métodos de ensino devem ser escolhidos tendo em conta as características do facilitador, dos aprendizes, dos conteúdos e dos sistemas que permitem realizar a comunicação. Os métodos que se focam nos aprendizes e são interactivos mostram-se os mais susceptíveis de obter sucesso (Souder, 1993, *In Simonson et al.*, 2000).

Com algumas adaptações, os mesmos métodos e técnicas que obtém sucesso num ambiente tradicional, podem também funcionar muito bem no ED, especialmente se estimularem os aprendizes a interagir.

O uso da tecnologia no ED não deve limitar a escolha de estratégias a usar pelos facilitadores, mas deve abrir novas possibilidades por aqueles que pretendem enriquecer o ensino (Greenwood & McDevitt, 1987, *In Simonson et al.*, 2000).

O uso efectivo do computador como recurso educativo necessita que sejam feitas mudanças pedagógicas, pois, o educador até agora considerado a “fonte do conhecimento”, passou a ser um facilitador de informação, encaminhando o aprendiz para a solução (Knupfer, 1993, *In Pitt & Stuckman*, 1997). Neste novo papel, educador e aprendiz, aprendem em conjunto, um com o outro. Esta nova aproximação irá não só mudar o papel do educador, como também o do aprendiz, ou seja, a substituição de um ambiente centrado no educador para um ambiente centrado no aprendiz, leva à mudança do papel do educador, que levará também à mudança no papel do aprendiz.

Há muitas estratégias educativas disponíveis para serem usadas em ambiente *online*. Essas estratégias não foram inventadas especificamente para uso *online*, pois já existiam na tradicional sala de aula. Os educadores devem estar aptos a escolher a técnica de aprendizagem que melhor cumpra um determinado objectivo educacional (Knowles, 1991). As estratégias educativas são ferramentas que os educadores têm ao seu dispor para usar quando desenham métodos para facilitar a aprendizagem.

Schlosser e Anderson (1994, *In Sherry*, 1996), identificaram um conjunto de novas competências que os facilitadores precisam de aprender para assumirem o seu papel de educadores à distância:

- Perceber a natureza e filosofia do ED;
- Conhecer as TIC e as novas fontes de informação (p. ex. bibliotecas virtuais) (Jiménez, 2000);
- Identificar as características dos aprendizes à distância;
- Desenhar e desenvolver estratégias interactivas de modo a adaptar-se a cada nova tecnologia;
- Adaptar estratégias pedagógicas para ensinar à distância;
- Ensinar o aluno a aprender a aprender (Jiménez, 2000);

- Avaliar o desenvolvimento, atitudes e percepções dos aprendizes à distância; e
- Organizar recursos num formato susceptível e estudo independente.

O papel do facilitador num ambiente educacional é orientar o processo de aprendizagem (Herring & Smaldino, 1997). A aprendizagem centrada no aprendiz é a direcção mais ajustada nos dias de hoje, em particular, ajustar a educação, de modo a que o principal papel deixe de pertencer ao professor, e passe a ser o aprendiz (Jiménez, 2000).

É importante, considerar várias técnicas, mas o facilitador deve encontrar estratégias para comprometer os aprendizes numa aprendizagem activa, e deverá não ter medo de experimentar, explorar e ser criativo nos seus métodos de ensino. O acto de ensinar é um desafio, mas também pode ser uma experiência agradável para os todos os envolvidos, neste caso, facilitador e aprendiz (Simonson *et al.*, 2000). Os materiais e os estilos de aprendizagem devem reflectir as mudanças do mundo real (Arsham, 2002).

3. CONCLUSÕES E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

O factor mais determinante para garantir a qualidade no ED é um planeamento sério e cuidado. No ED, o planeamento estratégico não é uma opção, mas sim uma necessidade. Uma proposta para o processo de planeamento pode ser resumido num modelo de 5 etapas (Saba, 1999):

- analisar as necessidades do aprendiz;
- conceber um design educativo baseado nas necessidades de aprendizagem dos aprendizes;
- desenvolver materiais educacionais;
- implementar sessões educativas; e
- avaliar os resultados sistematicamente.

A ênfase deve ser direccionada para o que o aprendiz é capaz de aprender e de que modo é realizada essa aprendizagem. Assim, deve-se tentar encontrar/pesquisar no sentido de identificar um conjunto de características susceptíveis de influenciar a concepção, transmissão e apreensão dos conhecimentos em ambiente de ED, de modo a explorar e investigar a sua interacção/interdependência em diferentes contextos com diferentes grupos.

Os actuais sistemas de ED **não** estão adaptados às características pessoais dos aprendizes, tal implica que **não** correspondem, nem respondem, às necessidades e interesses dos aprendizes (estratégias de aprendizagem).

Em especial, enumera-se um conjunto de questões orientadoras, que devem ser consideradas para estudo:

- Qual o nível de motivação necessário para conseguir atingir os objectivos através da aprendizagem independente?
- Quais são as competências de estudo de cada aprendiz?
- Como gerir a aprendizagem independentemente da actividade profissional, da família e das responsabilidades sociais?
- Quais os recursos necessários para obter sucesso, enquanto aprendiz à distância?
- Como reagir à aprendizagem em que todos os parceiros da aprendizagem estão separados pelo tempo e/ou pelo espaço?
- Que recursos de aprendizagem estão disponíveis para usar enquanto se estuda?
- Quais os objectivos pedagógicos/andragógicos que foram planeados para o curso?
- De que maneira a tecnologia ajudou ou não, a conseguir alcançar os objectivos pedagógicos/andragógicos?
- O que o facilitador pode fazer para que a experiência de aprendizagem seja por si mesma, uma experiência educacional com qualidade?

Assim, em jeito de conclusão, e de acordo com Rurato (1999), no âmbito dos modos de ensino/aprendizagem de adultos, orientados para o desenvolvimento de competências, parece-nos de propor a adopção das seguintes estratégias:

- Promover a criação de sistemas de formação abertos, em que cada um possa aprender ao seu próprio ritmo e no nível que lhe for mais apropriado;
- Promover a aprendizagem experiencial, utilizando métodos em que se aproveita e opera sobre a actividade real;
- Fomentar a capacidade e o gosto pela aprendizagem a nível dos sistemas de formação inicial e contínua;
- Valorizar os conhecimentos anteriores dos formandos, bem como as suas necessidades e as suas expectativas, quando se criam e constroem programas;
- Desmistificar o acto de aprendizagem, apresentando-o como um processo natural de exploração, análise e desenvolvimento, associado às actividades quotidianas.

Importa pois, considerar o estudo do perfil do aprendiz, como forma de garantir os factores de sucesso em ambientes de ensino à distância.

BIBLIOGRAFIA

- Arsham, H. (2002). Impact of the Internet on Learning and Teaching. *Journal of the United States Distance Learning Association*. Disponível em www.usdla.org/html/journal/MAR02_Issue/article01.html em 16/04/2002;
- Atman, K. S. (1986). The Role of Conation (striving) in the Distance Learning Enterprise. *American Journal of Distance Education*, 1 (1), 23-29;
- Engineering Outreach. (1995). *Distance Education at a Glance - Distance education: An overview*. University of Idaho. Disponível em www.holey.com-distance.htm/dist1.html em 18/04/2000.
- Gouveia, L. M. B., (1999). *On Education, Learning and Training: Bring Windows where just walls exist*. Revista da UFP nº3, vol., 3 pp. 19-31. Porto.
- Gouveia, J. B., Restivo, F. & Gouveia, L. (1999). *Integração e Convergência no Ensino, Formação e Treino – Uma proposta para a criação de redes de competências*. 2ª Conferência sobre Redes de Computadores. CRC'99, 18 e 19 de Outubro. Universidade de Évora. Portugal. Disponível em www.ufp.pt/~lmbg em 01/01/2002.
- Greenwood, A. N. & McDevitt, M. A. (1987). Multiple Teaching Strategies for use with an Instructional Telecommunications Network. In Simonson, M. Smaldino, S., Albright, M. & Zvacek, S. (2000). *Teaching and Learning at a Distance: Foundations of distance education*. New Jersey: Prentice Hall.
- Herring, M. & Smaldino, S. (1997). *Planning for Interactive Distance Education: A handbook*. Washington, DC: AECT Publications;
- Holmberg, B. (1986). A Discipline of Distance Education. *CADE: Journal of Distance Education*., Disponível em <http://cade.athabascau.ca/vol1.1/holmberg.html> em 07/07/2001.
- Houle, C. O. (1974). *The Design of Education*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Jiménez, J. M. (2000). *Apoyos Telemáticos en la Educación a Distancia: Son todo ventajas y facilidades?*. Disponível em www.cervantes.es em 22/01/2002;
- Knowles, M. S. (1991). *Using Learning Contracts: Practical approaches to individualizing and structuring learning*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Knowles, M. S. (1995). *Designs for adult learning*. Alexandria, VI: American Society for Training and Development.
- Knowles, M. S., Holton III, E. F. & Swanson, R. A. (1998). *The adult learner: The definitive classic in adult education and resource development* (5th Edition). Houston, Texas: Gulf Publishing Co.

- Knupfer, N. N. (1993). Teachers and Educational Computing: Changing roles and Changing pedagogy. In Pitt, T. J. & Stuckman, R. E. (1997). *The Transfer of Tradicional Curriculum to Online Learning Opportunities*. Real Education and Urbana University. Disponível em www.coe.uh.edu/insite/elec_pub/HTML1997/de_pitt.htm em 08/06/2001.
- Lima Santos, N., Faria, L. & Rurato, P. (2000). *Educação e Aprendizagem de Adultos: Avaliação do Auto-Conceito de Competência Cognitiva e da Auto-Aprendizagem*. V Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Universidade da Corunha e de Santiago de Compostela.
- Lima Santos, N., Rurato, P. & Faria, L. (2000). Auto-Aprendizagem e Auto-Conceito de Competência Cognitiva em Contexto Empresarial. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 135-146.
- McIsaac, M. S. & Gunawardena, C. N. (1996). Distance Education. In Larsen, V. (2001). *Instructional Uses of the Casebook*. Indiana University. Disponível em www.indiana.edu/~iude/casebook/index.html em 26/06/2001.
- McKeachie, W. J. (1991). *Teaching Tips: A guidebook for the beginning college teacher*. Lexington MA: D. C. Heath.
- Moore, M. G. (1975). Cognitive Style and Telemathic (distance) Teaching. ICCE Newsletter 5(4), 3-10. In Moore, M. G. & Kearsley, G. (1996). *Distance Education: A systems view*. Boston: Wadsworth Publishing Company.
- Moore, M. G. & Kearsley, G. (1996). *Distance Education: A systems view*. Boston: Wadsworth Publishing Company.
- Roque, P., (2000). *O Papel da Internet na Formação Profissional*. Disponível em www.elearningpost.com em 30/05/2001.
- Rurato, P. (1999). *Auto-aprendizagem, auto-conceito de competência cognitiva e educação e formação de adultos: Estudo numa empresa do Norte de Portugal*. Tese de Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos no ISCTE. Lisboa: Edição do Autor.
- Saba, F. (1999). *Distance Education: An introduction*. Saba & Associates. Disponível em www.distance-educator.com/portals/research_deintro.html em 05/07/2001.
- Schlosser, C. A. & Anderson, M. L. (1994). Distance Education: review of the literature. Washington, D.C: Association for Educational Communications and Technology. In Sherry, L. (1996). Issues in Distance Learning. *International Journal of Educational Telecommunications*, 1 (4), 337-365;

- Souder, W. E. (1993). The Effectiveness of Tradicional vs. Satellite Delivery in there Management of Technoilogy Master's Degree programs. In Simonson, M. Smaldino, S. , Albright, M. & Zvacek, S. (2000). *Teaching and Learning at a Distance: Foundations of distance education*. New Jersey: Prentice Hall.
- Simonson, M. Smaldino, S. , Albright, M. & Zvacek, S. (2000). *Teaching and Learning at a Distance: Foundations of distance education*. New Jersey: Prentice Hall.
- Stanbrough, M. & Stinson, B. (1997). *Utilizing Educational Technologies for Teacher Excellence*. Emporia State University. Disponível em www.coe.uh.edu/insite/elec_pub/HTML1997/de_stan.htm em 08/06/2001.
- Thompson, G. (1984). The Cognitive Style of Field Dependence as an Explanatory Construct in Distance Education Drop-out. *Distance Education*, 5 (2), 286-293. In Moore, M. G. & Kearsley, G. (1996). *Distance Education: A systems view*. Boston: Wadsworth Publishing Company.
- Tyler, R. W. (1949). Basic Principles of Curriculum and Instruction. In Pitt, T. J. & Stuckman, R. E. (1997). *The Transfer of Tradicional Curriculum to Online Learning Opportunities*. Real Education and Urbana University. Disponível em www.coe.uh.edu/insite/elec_pub/HTML1997/de_pitt.htm em 08/06/2001.

[VOLVER AL INDICE TEMAS](#)